

Manoel Bomfim e os Livros Escolares: Um Projeto de Nação *Através do Brasil*

Claudefranklin Monteiro Santos*

Manoel Bomfim And School Books: A Nation Project Through Brazil

Resumo

Autor de vários livros, entre eles *América Latina, Males de Origem* (1905), Manoel Bomfim se notabilizou pela defesa da instrução pública como o aporte necessário para tirar o Brasil das primeiras décadas do século XX do atraso e resolver as disparidades sociais de toda ordem. O presente artigo procurou perscrutar o pensamento bomfiniano, por meio de uma análise discursiva, mas também histórica e cultural do livro *Através do Brasil* (1910), escrito a quatro mãos com o poeta carioca Olavo Bilac. Sucesso editorial, da referida obra pudemos depreender um dos motes centrais dos autores, notadamente de Bomfim: a convicção científica de que o problema do país não era de raça, mas de falta de instrução. Esta constatação os levou adiante num projeto de nação a partir da produção e publicação de livros escolares, que continham as linhas mestras para formar crianças, se valendo de elementos como civismo, patriotismo e da importância dada à necessidade de aprender de forma criativa e lúdica.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. Livros Escolares. *Através do Brasil*.

Abstract

Author of several books, among them *América Latina, Males de Origem* (1905), Manoel Bomfim was noted for the defense of public education as the necessary contribution to take Brazil from the first decades of the twentieth century of the backwardness and to solve the social disparities of all order. The present article sought to examine Bomfinian thought through a discursive but also historical and cultural analysis of the book *Across Brazil* (1910), written in four hands with the Carioca poet Olavo Bilac. Editorial success, of the mentioned work, we can deduce one of the central motto of the authors, especially of Bomfim: the scientific conviction that the problem of the country was not of race, but of lack of education. This realization brought them forward in a project of nation from the production and publication of school books, which contained the guidelines to train children, using elements such as civism, patriotism and the importance given to the need to learn in a creative and playful way.

Keywords: Manoel Bomfim - School Books - *Through Brazil*

* Professor da Universidade Federal de Sergipe. Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia



Manoel Bomfim, médico sergipano, naturalizado carioca, deixou um legado para além de seu tempo. Antes de ser um lugar comum, esta assertiva se traduz nas inúmeras investidas do tempo presente feitas a sua obra, sobretudo, no campo educacional. Passados cem anos de seu nascimento, em Aracaju, no dia 08 de agosto de 1868, o Brasil segue correndo atrás de soluções para seus principais problemas, entre eles, a falta de instrução qualificada e justa, que atenda não somente os mais necessitados, mas também todo o conjunto da sociedade brasileira.

No Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, ele teve a oportunidade de ocupar cargos importantes da instrução pública, a exemplo da Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. De médico de formação à educador e estudioso da vida social do país, Manoel Bomfim atuou de forma pontual no cenário das discussões sobre eugenia e nação, contrariando seus principais defensores, como o conterrâneo de Sergipe, o lagartense Sílvio Romero.

Avesso às críticas, Bomfim se concentrou na produção e publicação de vários livros, cobrindo basicamente três áreas: história, educação e sociedade. Porém, foi na instrução pública que ele mais se notabilizou, embora já tivesse sido notável com o livro *América Latina, Males de Origens* (1905)¹. No que se refere ao mercado editorial voltado para os livros escolares, ele tornou-se um *best-seller*. No conjunto dessa seara criativa, destaque para o livro *Através de o Brasil* (1910)², em parceria com poeta carioca Olavo Bilac.

A instauração da República no Brasil, em 1889, trouxe à tona o debate sobre a construção da nação brasileira, com mais intensidade e necessidade. Novo regime, novas necessidades de afirmação. Naquele contexto, nada mais eficiente, ideologicamente falando, do que mexer com a identidade, a identidade nacional. No interior desse projeto, a população, pensada a partir da sua negação seria o alvo dos discursos e das ações dos intelectuais para quem a massa inculta, indiferente, constituir-se-ia num sério empecilho ao ingresso do país na modernidade capitalista.

Para Carvalho³: “Substituir um governo e construir uma nação, esta era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar. Eles enfrentavam de maneira diversificada, de acordo com a visão que cada grupo republicano tinha da solução desejada”.

A montagem da nova ordem exigia o estabelecimento de um controle social competente e eficiente, a ser apropriadamente realizado pela educação. Educar para dominar. Nesse esforço, os cuidados com a infância

1 BOMFIM, Manoel. *América Latina, Males de Origem*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

2 BILAC, Olavo, BOMFIM, Manoel. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.

3 CARVALHO, José Murilo de. Entre a Liberdade dos Antigos e a dos Modernos: a República no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 32, nº 3, p. 271, 1989.



foram destacados como componente do ideal de civilização, ao mesmo tempo em que, a partir de diferentes campos científicos, buscou-se constituir também uma identidade para a criança brasileira.

Dizia Manoel Bomfim, em 1915:

[...] a educação, ao mesmo tempo em que modifica e corrige, estimula e desenvolve. Por isso, mais convem fundir as duas ideias, e considerar a educação como uma obra de apuro, que é ao mesmo tempo correção e desenvolvimento, porque, de facto, o que se procura obter da obra educativa é o apuro do indivíduo⁴.

Um panorama do início do século XX no Brasil revela um grande interesse pela atividade de impressão ou nos demais ramos de transmissão da cultura letrada. Por esse motivo, a imprensa se transformou em campo de disputas de ideias e de interesses de toda a ordem, inclusive dos interesses educacionais. Mas aqui, interessa o mercado editorial voltado para as escolas.

O livro *Através do Brasil*, uma das primeiras obras didáticas da escola republicana brasileira, conheceu dezenas de edições e atravessou a metade do século XX como livro de leitura adotado em escolas de vários lugares do país. Como já disse, é de autoria do poeta carioca Olavo Bilac (1865-1918) e do médico sergipano Manoel Bomfim (1868-1932). Juntos, eles também dividiram a autoria de dois outros livros do gênero: livros: *Livro de Composição* (1899)⁵ e *Livro de Leitura* (1901)⁶. *Através do Brasil*, nesse conjunto, é uma obra que se destaca pelo estilo narrativo, pelas representações do país e de sua gente de que é portador, assim como pelos aspectos materiais, tais como: ilustrações, número de edições, editores, longevidade.

Uma análise efetiva de qualquer impresso, sobretudo os voltados para o âmbito escolar, requer uma compreensão de sua materialidade, vendo-o como objeto cultural, fruto de ações editoriais e político-educacionais, passando por seus aspectos iconográficos e tipográficos, até a reflexão em torno de seu conteúdo ideológico e didático-pedagógico. Essa dupla visão abarca a relação da obra com as lutas inscritas no contexto de origem do livro *Através do Brasil* e considera a sua especificidade, a qual lhe teria garantido a adoção, em diversas escolas, por mais de cinco décadas.

4 BOMFIM, Manoel. *Lições de Pedagogia: teoria e prática da educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926. p. 21.

5 BILAC, Olavo, BOMFIM, Manoel. *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899.

6 Idem. *Livro de leitura: para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1901.



Ver a obra em suas múltiplas faces é um desafio para qualquer pesquisador, mais ainda para um historiador. Dos seus aspectos externos aos internos, centrando o estudo, por exemplo, na discussão levantada, mas não aprofundada, de que Manoel Bomfim teria temperado o nacionalismo ufanista de Olavo Bilac e isso teria dado à obra uma excelência e uma particularidade que a distinguiu de suas contemporâneas.

Um aspecto chama a atenção e vai ao encontro do tipo de livro escolar que o governo queria que circulasse, a exemplo do *Através do Brasil*: organização do sistema educacional como possibilidade de garantir um padrão de cultura nacional. A importância da escola estava relacionada ao projeto de consolidação do Estado.

O padrão da cultura nacional implicava na ideia de regeneração da sociedade e atenção aos infantes, sobre os quais não havia ainda, via de regra, os vícios advindos da ausência de hábitos civilizados.

A necessidade das luzes era o argumento usado para dar forma ao cidadão, regenerar a sociedade doente, improdutiva, indolente e reduzida à miséria. Ao produzir uma certa imagem ideal da Nação e do povo – saudável, disciplinado, patriota, produtivo – o discurso pedagógico enfatiza o papel da Escola como meio adequado à integração das “classes inferiores” no seu projeto.⁷

No que se refere à infância, afora o ideal de civilização, a necessidade de se criar uma identidade para a criança brasileira. E isso passava, também, pelo combate à vadiagem. O governo encarava essa realidade como um ameaça à ordem pública. A propalada regeneração da sociedade passava pela assistência ao infante, com a criação de instituições de ensino, tais como creches e jardins de infância, assumindo um papel importante na difusão dos hábitos de higiene ou da nova sociabilidade para a vida pública.

[...] A ênfase no combate à criminalidade e à “vadiagem” das crianças e jovens nas cidades, integrando um projeto mais amplo de controle social das relações de trabalho, despertou a atenção de juristas e profissionais relacionados à prevenção e repressão dos “males sociais”⁸.

7 SILVA, José Maria de O. *Da Educação à revolução: Radicalismo em Manoel Bomfim*. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. p. 21.

8 Schueler, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 19, nº 37, p. 24, set. 1999.



A preocupação com escolarização e com a organização do espaço da vida privada no Brasil são questões tardias, dado que só entram na agenda do governo apenas a partir do século XIX. Com a República, retirar a criança na rua e por numa escola tornou-se política pública e iria ao encontro do ideal de família burguesa da nova ordem social, presente no ideal de infância também: formação de seres moralizados, erradicação de hábitos nocivos à cultura letrada e civilizada, valorização dos laços afetivos e das virtudes patrióticas, a ideia de bem-estar social e prosperidade, ênfase na higienização de corpos e mentes, tornando a criança uma réplica em miniatura do adulto, castrando-lhe a liberdade e ir e vir e de brincar.

Em meio a tantas demandas do novo governo republicano, a ausência de justiça social, comida na mesa, integração do negro liberto e oportunidades de emprego, renda e escola.

Nesse ambiente de necessidades do novo governo republicano, a utilidade prática dos livros escolares, exímios portadores de valores, difusor do tão desejado projeto de nação. À guisa das assertivas de Roger Chartier, eles podem ser um poderoso instrumento para intervir e ajudar a conformar determinado modo de sociabilidade nos alunos, em convergência com outras estratégias culturais⁹.

A transmissão da cultura letrada, eis aí o moto da questão que passava pela instrução pública, por sua reorganização e pelo estabelecimento de metas civilizadoras para a sociedade, notadamente para a criança. A popularização e o acesso aos impressos tornaram-se um imperativo e o mercado editorial brasileiro, até então acanhado e a mercê da influência europeia (Laemmert e Garnier¹⁰), conheceu um boom produtivo, particularmente no campo da instrução pública.

Nesse contexto, destaque para editora brasileira *Francisco Alves*, responsável direta pela produção e circulação dos primeiros manuais escritos por professores brasileiros. Para José Brito Brocca, um notável negociante, às voltas com afagos aos autores que acorriam a sua empresa, apostando neles, literalmente, aguardando o impacto de seus trabalhos no chamado juízo do público (leitores), exercendo um tipo diferenciado de mecenato das letras, incomum para época¹¹, mas em sua maioria, bem sucedido, a exemplo do que fora o *Através do Brasil*, de Bilac e Bomfim.

9 Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

10 Duas casas editoras que importavam livros franceses para uma elite rica e culta. A Livraria Garnier dividia com a Laemmert (Universal) o mercado de livros, concentrando-se na publicação de literatura.

11 BROCCA, José Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 3 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 148.



A editora *Francisco Alves* foi apenas uma representação do que havia se tornado o mercado editorial brasileiro, que conheceu crescimento com o desenvolvimento técnico e, conseqüentemente, com a profissionalização, o barateamento da produção de livros, que, por sua vez, fomentou a necessidade de expandir (leia-se comercializar) seu produto que deveria encontrar um tipo de receptor pronto para o consumo: civilizado, educado, ordeiro e próspero. Asas à leitura e ao lucro econômico e social que poderia se auferir deles.

O contexto de produção e circulação da primeira edição do *Através do Brasil* foi marcado exatamente por isso. Maria Rita de Almeida Toledo¹² aponta o ano de 1910 como sendo o momento de grande crescimento da indústria do livro no Brasil, em detrimento de outros impressos, dada, sobretudo, à necessidade de reorganizar a dinâmica da conquista e da disputa por leitores, procurando ter uma ideia do perfil do leitor daquela época. Nesse sentido, as mulheres e as crianças.

Sobre aquela chamada literatura infantil, cujo cerne e alvo eram a criança na escola, vale salientar alguns aspectos importantes para a análise do sucesso editorial e pedagógico no que se tornou o *Através do Brasil*, para além, inclusive de sua primeira edição, em 1910.

À propósito, merece destaque a afirmação de Regina Zilberma, que além de lúcida, é precisa e cirúrgica para compreender o nosso objeto de investigação: “[...] a literatura infantil transformou-se num instrumento que, aliado à pedagogia nascente, procurou converter cada menino no ente modelar e útil ao funcionamento da engrenagem social”¹³.

Destinados especificamente às séries iniciais da escolarização, os chamados “livros de leitura” e seus autores alcançaram guarida no mercado editorial a partir da segunda metade do século XIX. Vejamos a seguir algumas das primeiras investidas numa seara criativa da qual o *Através do Brasil* é parte integrante e definitivamente marcante e referencial.

Em 1868, destaque para Abílio César Borges (1824-1891), que se destacou pela inovação no campo editorial, e por apresentar um teor mais informativo do que moral, o que representou um importante salto na pedagogia brasileira, antes circunscrita à aprendizagem de leitura iniciada com abecedários manuscritos, papéis de cartório e toscas cartilhas.

Antes da parceria com Manoel Bomfim, Olavo Bilac lançou em 1909, com Coelho Neto o livro *Pátria Brasileira*¹⁴, com ênfase no aspecto nar-

12 TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os livros de educação e o mercado editorial dos anos 20 e 30. In: *Revista do Mestrado em Educação*. Aracaju, UFS, v. 4, p. 7-24, jan-jun, 2002. p. 09.

13 ZILBERMAN, Regina. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 18.

14 BILAC, Olavo; COELHO NETO, Henrique, Maximiliano. *Pátria Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.



rativo e na história do Brasil, romanceada de forma esmerada, com forte teor ufanista.

No ano seguinte, foi a vez do *Através do Brasil*. Mantendo o aspecto narrativo e romanceado de *Pátria Brasileira*, conta a história de três meninos em viagem pelo Brasil. Preliminarmente, pode-se dizer que foi promissor na capacidade de desenvolver assuntos diversos, muitos deles necessários à instrução da criança, despertando nela lições de moral e de civismo. Sua narrativa instigante e atraente, alcançou além dos propósitos que vimos discutindo até então, coerentes com as políticas públicas da república brasileira, o gosto pela leitura no infante.

Todos eles apresentavam características comuns em sua concepção, tais como: nacionalismo, ufanismo caracterizado pela exuberância da flora e da composição geográfica do país, valorização do passado histórico heroicizado, culto ao idioma, valores morais, notadamente, cristãos e cívicos. Afora a ênfase no ensino e na aprendizagem.

A dupla Bilac e Bomfim já havia trabalho em outro projeto na seara dos livros escolares antes mesmo do *Através do Brasil*. Trata-se do *Livro de Composição* (1899)¹⁵ que além de aprovado pelos órgãos governamentais, a exemplo do Conselho Superior de Instrução, foi custeado e adotado pelo poder público em diversas escolas do Brasil. Para seu parecerista, José Rodrigues de Azevedo Pinheiro, uma obra satisfatória à necessidade urgente de literatura escolar. Com mais de duzentos e quarenta páginas, era composto por diversos textos e orientações referentes à sala de aula e o corpo humano, por exemplo. No nosso tempo, fatalmente, seria classificado como um livro multidisciplinar e porque não dizer interdisciplinar. A propósito, também o *Através do Brasil*¹⁶. Em 1901, eles voltaram a formar a parceria em mais um livro escolar: *Livro de Leitura*, que segue na mesma toada.

Antes de prosseguir na análise do *Através do Brasil*, é importante tecer algumas considerações sobre aquelas parcerias editoriais, de modo particular a de Bilac e Bomfim. Certamente, não se encontraram por acaso, mas por afinidades ideológicas, por frequentarem os mesmos ambientes, nutrirem uma certa amizade um pelo outro e cultivarem se não os mesmos sonhos, ao menos desejarem dias melhores para aquele momento da história do Brasil.

Em 1886, as irmãs Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida formaram uma das primeiras parcerias editoriais de que se tem notícia. Naquele ano, publicaram *Contos Infantis*, composto por 58 contos em

15 BILAC, Olavo, BOMFIM, Manoel. *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899.

16 Cf. Cockell, Marcela. Um Estudo de *Através do Brasil*: Prática da Língua portuguesa de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. In: Anais do XIV CNLF (Congresso Nacional de Linguística e Filologia). Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro 23 a 27 de agosto de 2010. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/. Acesso em: 03 jan. 2019.

versos. Adelina Lopes *de* Almeida escreveu uma obra que é considerada a pioneira da poesia infantil brasileira; junto a outros intelectuais, como Francisca Júlia e Olavo Bilac, ajudou a criar um tipo de literatura brasileira para crianças.

Outra parceria que merece destaque foi a dos professores de português do Colégio Pedro II, Fausto Barreto e Carlos de Laet, autores do livro *A Antologia Nacional*¹⁷. Sua primeira edição foi de 1895. Assim com o *Através do Brasil*¹⁸, foi uma obra bastante popular e marcada pela longevidade editorial, com quarenta e três edições, até 1969. Para além de ser um manual de história literária, adverte Márcia Razzini, foi “[...] ponto de partida para as atividades das aulas de Português: leitura, recitação, estudo do vocabulário, da gramática normativa...”¹⁹, entre outros.

Ainda que a refrega intelectual fosse grande e notória naquela época, como a que tiveram os contemporâneos Sílvio Romero e Manoel Bomfim, em sua grande maioria compartilhavam as mesmas opções teóricas, pois refletiam sobre a formação da identidade nacional. O mote discursivo, inclusive de suas contradições, era a nação. Ela tornou-se uma de palavra de ordem e perpassava por todos os matizes intelectuais e ideológicos.

Manoel Bomfim chegou ao Rio de Janeiro em 1888, a fim de concluir o curso de medicina. Não tardou para inserir-se na vida social, pública e intelectual com protagonismo inquietante. Passou uma temporada em Paris no início do século XX e nos brindou em 1905 com o livro *América Latina, Males de Origem*. Em seguida, ocupou os principais cargos da seara da instrução pública, angariando inimigos, como Sílvio Romero, mas muito capital simbólico, não somente entre os pares, mas, sobretudo no campo editorial voltado para a produção de livros escolares.

Manoel Bomfim tornou-se, ao longo de sua carreira, um dos médicos mais significativos no campo educacional brasileiro, colecionando para além de obras escolares, também pedagógicas e de psicologia da educação. Afora o seu legado histórico-social.

Seu principal biógrafo, muito apropriadamente, assim se expressa a seu respeito:

(...) Manoel Bomfim dedicou a sua vida à educação, como professor, pedagogo, político e escritor. O projeto educacio-

17 BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *A Antologia Nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1895.

18 Entre 1910 e 1965, o livro *Através do Brasil* teve sessenta e seis edições.

19 RAZZINI, M. de P. G. *A Antologia Nacional e a ascensão do português no currículo da escola secundária brasileira*. In Anais da 26ª Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/26/.../marciadepaula-gregoriorazzini.rtf. Acessado em 03 de fevereiro de 2019.

nal de Manoel Bomfim era, sobretudo, um projeto de futuro para o Brasil. Nenhum país conquistou o “progresso”, como dizia na sua época, sem antes, ou pelo menos simultaneamente, ter conquistado a educação e o saber²⁰.

Sobre Manoel Bomfim, André Botelho dedica algumas páginas para destacar a sua dedicação ao gênero narrativo atribuindo isto às suas experiências no campo da instrução pública, no então Distrito Federal do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro. Para Botelho, Bomfim conferiu à educação um papel social, ele foi um defensor da educação brasileira²¹.

Olavo Bilac, à época da chegada de Bomfim ao Rio, já apontava com um promissor valoroso poeta ufanista e patriótico. Em 1907 foi eleito *Príncipe dos Poetas do Brasil*, pela revista *Fon-fon*. Tornou-se um entusiasta da língua português e do serviço militar obrigatório, envolvendo em campanhas pela erradicação do analfabetismo e de estímulo à prática do escotismo pelas crianças.

Embora se saiba que o primeiro contato entre ambos vinha de longa data, 1888, Ronaldo Conde Aguiar²² atribui a um episódio que envolveu a composição do hino dedicado à Bandeira Nacional, com letra de Olavo Bilac, sugerida ao prefeito Pereira Passos em 1906. De tal sorte que os que o aproximou de fato teria sido a ideia de patriotismo que ambos nutriam na vida e em seus escritos.

E certamente este viés esteve presente em *Através do Brasil*. Bomfim, à guisa de um nacionalismo mais pé no chão, como se diria hoje. E Bilac, seguindo a pegada que o notabilizou: ufanista e cívica. O certo é que na obra, ambos se encontram para destacar as qualidades e grandezas do país, valendo-se, como já se afirmou, da narrativa lúdica e criativa, envolvendo o universo infantil.

Sobre a preocupação com a instrução do infante e a presença de crianças na obra, o trecho de um discurso de Manoel Bomfim, a seguir, colabore para a sua compreensão:

Evocai os quadros da vida infantil e reconhecereis que persiste, com a tenacidade do mal, esse espírito autoritário e dogmático, que inspirava a educação nos regimes de submissão. É contra essa resistência do passado, deformando o pre-

20 AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido*. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.p. 502.

21 Botelho, André. Manoel Bomfim: um Percurso da Cidadania no Brasil. In: Schwarcz, Lilia Moritz, Botelho, André (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 118-131.

22 AGUIAR, Ronaldo Conde. *Op. cit.*.p. 387.



sente e comprometendo o futuro, que eu concito todo o vosso bem-querer, todo o vosso esforço. Tirânicas, dogmáticas, essas práticas educativas eram lógicas – e de um certo modo necessárias, nas épocas de tirania e de dogmatismo. Hoje são dissolventes, ilógicas, criminosas. Pensai que vivemos numa democracia, aspirando realizar um regime de liberdade e justiça. Ora, bem sabeis que o resultado último de uma tal educação é inutilizar definitivamente os homens para o exercício da liberdade, tornar impossíveis as iniciativas e dissolver as individualidades. Qual a sua essência? Considerar a criança um ser sem vontade e substituir o seu querer, o seu julgamento e a sua consciência pela vontade, discernimento e consciência do educador. A criança é um cego: menos que um cego – um autômato. [...] Fôra mesmo impropriedade chamá-los educandos. São adestrados..²³.



Em linhas gerais, se levarmos em conta a narrativa, o enredo se desvela em torno de uma jornada, que atravessa parte considerável do Brasil, numa empreitada épica envolvendo dois meninos típicos da zona urbana, Carlos (quinze anos) e Alfredo (dez anos). A história ficcional tem início no Estado de Pernambuco e seu mote será notícia de que os pais dos meninos adoecem o engenheiro Meneses, obrigando-os a irem ao seu encontro. Entretanto, os desencontros de informações fizeram com eles fossem ao Rio Grande do Sul.

Entre um extremo e outro do país, Carlos e Alfredo percorreram lugares como Recife, Palmares, Garanhuns, Piranhas, Paulo Afonso, Jatobá, Boa Vista, Juazeiro e Petrolina. Afora as cidades de Vila Nova, Serrinha, Alagoinhas, Salvador, Aracaju, Maceió, Fortaleza, São Luiz, Belém, Vitória, Rio de Janeiro, Queluz, Lavrinhas, Cruzeiro, Cachoeira, Taubaté, São Paulo, Santos, Paranaguá, Rio Grande e Pelotas. E por todos esses lugares, a narrativa seguiu rica em descrições de toda ordem, destacando aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais do Brasil.

Como toda boa história, destaque para um coadjuvante em especial. Trata-se do jovem Juvêncio, segundo Bilac e Bofim, um mulato da zona rural, típico mestiço, que tinha entre dezesseis e dezessete anos, órfão de pai e mãe. Juvêncio é a representação de um menino-adulto, marcado por dramas familiares e que teria amadurecido com a vida, com as labutas do seu tempo e as dificuldades de seu habitat.

Sem receio de praticar um *spoiler* e chatear o leitor, adiantamos aos que ainda não conhecem a obra, que ela tem, enfim, um final feliz, com o

23 BOMFIM, Manoel. O respeito à criança. Discurso pelo Dr. M. Bomfim, Diretor Geral da Instrução Pública e Professor da Escola Normal, proferido em 27 de setembro de 1906, na solenidade da entrega de diplomas às normalistas da turma de 1905. Rio de Janeiro, mimeo, p. 14-16

reencontro do engenheiro Meneses (dado como doente e até morto), com seus filhos Carlos e Alfredo, no Estado do Rio Grande do Sul.

Como se vê, *Através do Brasil* seria para o nosso tempo mais um paradidático do que um livro didático. Compreendo aquele momento da história da educação brasileira, pode-se dizer que foi muito mais. Pois, além de cair no gosto de seus leitores por excelência, atendeu às necessidades de aprendizagem da época, para além dos normativos da língua portuguesa, por exemplo. Sem falar na sua especificidade enquanto produto cultural.

Chama a atenção a preocupação dos autores em, na escrita do livro, alcançar seus leitores, dotado de uma linguagem acessível, mas sem descuidar-se da expressão linguística, conforme salienta Antônio Dimas na seguinte passagem: “A diversidade lingüística, a sintaxe e a prosódia dialetal não têm lugar nesse livro de leitura...²⁴”. Ou ainda, nas palavras dos próprios autores: “[...] procurámos dar a estas paginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm á inteligência infantil...²⁵”.

Há outros elementos no livro que também merecem um destaque, tais como a riqueza iconográfica e a nesse sentido a ideia da alfabetização pelos olhos. Sem entrar no mérito analítico de seu conteúdo ideológico, já decantando em alguns trabalhos sobre a obra, importa seu fim pedagógico para a compreensão do ideário de instrução pública que se queria transmitir a partir dela.

A discussão em torno do projeto de nação não se encerra no nacionalismo ou no patriotismo. Pelos menos é o que se pode depreender de uma leitura e análise mais acurada do livro de Bilac e Bomfim, *Através do Brasil*. Outros aspectos da obra se sobressaem e vão convergir naquele projeto, tais como: sua fórmula pedagógica, a necessidade de ensinar à criança noções gerais do conhecimento humano, o respeito à individualidade da criança, a ênfase na figura do professor, a real finalidade do uso do livro de leitura, a instrução moral, a importância da família, a valorização da sabedoria e da esperteza, a importância da amizade.

Entretanto, a ideia de nação também ganha contornos muito parecidos com outras obras do âmbito da instrução pública via livros escolares, tais como *Porque me ufano do Meu País*, de autoria de Afonso Celso (1901)²⁶, e *Contos Pátrios* (1904)²⁷, da dupla Olavo Bilac e Coelho Neto. Nesse sentido, não é incorreto dizer que o *Através do Brasil* também esteve marcado por um forte sentimento nacionalista, com algumas ressalvas que a tornou singular no quadro geral de todas elas.

24 DIMAS, Antônio. A Encruzilhada do Fim do Século. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina – Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994. p. 705. v. 2.

25 BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p. XII.

26 CELSO, Afonso. *Porque me ufano do Meu País*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901.

27 BILAC, Olavo e NETTO, Coelho. *Contos Pátrios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1904.



Anamaria Bueno e Regina Maria Monteiro, por exemplo, afirmam em relação ao *Através do Brasil*, que seus “[...] autores congregam todos os indivíduos sob o manto das cores nacionais. Já não são mais negros, brancos ou índios, mas um indivíduo único que funde na mãe pátria”²⁸. Como pano de fundo, a exuberância da natureza, a grandeza do país, que associados aos elementos étnicos dos sujeitos dão materialidade à ideia de identidade nacional.

Terezinha Oliva, ainda no que se refere à natureza e sua relação com ideia de nação, afirma que toda discussão em torno da construção da nação traz em si a carga da herança da geografia colonial²⁹, daí a ênfase no espaço, a que se agregam elementos como a fauna e a flora exuberantes.

Para além do físico, Leonardo Arroyo destaca no *Através do Brasil* a presença dos sujeitos constituintes de uma nação: “[...] Redescobria-se o Brasil pela mágica da bela narrativa de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, mostrando-nos não só a paisagem física do país como a paisagem humana pela criação de tipos inesquecíveis que conviviam com os pequenos leitores a que o livro se destinava³⁰”.

O livro *Através do Brasil*, de Bilac e Bomfim, não esteve longe de atender à necessidade preconizada pela República de instruir a sociedade, combater a vadiagem e o analfabetismo, assistir a criança. Seria muito exigir dele noções de cidadania? Talvez não, se levarmos em consideração os propósitos da época, ainda que uma parte considerável da população não merecesse a atenção devida.

Dos leitores de Bilac e Bomfim, por exemplo, quantos eram negros descendentes de escravos libertos da escravidão? Quantos eram filhos de pais pobres da zona rural, que não tiveram a oportunidade de alfabetização? Quem eram seus leitores? Eles faziam parte do projeto de nação?

O *Através do Brasil* também esteve inserido no processo de modernização do ensino brasileiro, verificado após a Proclamação da República, sobretudo se levarmos em conta o seu aspecto de objeto cultural, mas também de ter adotado técnicas de transposição do conteúdo até aquele momento, não aplicadas. Do ponto de vista do ensino, destaque para a valorização e implementação do ensino da História do Brasil, da língua portuguesa e da História da Literatura Nacional.

Da análise do conteúdo do *Através do Brasil* depreende-se uma série de aspectos e objetivos pedagógicos, formas de encarar a instrução

28 FREITAS, Anamaria G. B. de; MONTEIRO, Regina Maria. *O Discurso Pedagógico e a Construção da Identidade Nacional: Por Entre as Páginas de Através do Brasil*. Comunicação apresentada no Simpósio Nacional “Discurso, Identidade e Sociedade”. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 17 a 19 de maio de 2001. p. 2

29 OLIVA, Terezinha Alves de. *O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim*. Rio Claro/SP, 1998. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. p.28

30 ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 192.

pública e a vida social e cultural do Brasil, afora outros componentes da nação. Foi um livro de leitura para o curso primário, repleto de representações. Não ficou circunscrito a um manual complementar do saber. Dele e a partir dele a disposição para conhecer e aprender, superando a ideia de simples absorção de informações sem fins práticos. Era, sem dúvida e para tanto se propôs a sê-lo um manual de aprendizagem.

Como vimos, além de Bilac e Bomfim, outros se propuseram a colaborar com a construção de uma a ideia de nação, para um projeto de nação tendo a instrução pública seu esteio. Do ufanismo ingênuo, presente na obra de Afonso Celso, *Por que me ufano do meu País ao Através do Brasil*, ora à luz da exaltação patriótica, ora destacando as grandezas do país e a imensidão do seu território, de suas belezas naturais, de clima ameno e agradável. A dupla preferiu assumir um compromisso com um nacionalismo mais realista, certamente temperado por Manoel Bomfim, se levarmos em conta o conjunto de suas obras e de sua lucidez na explicação sobre as mazelas do Brasil e de seus condicionantes históricos e sociais.

A opção da obra por assuntos nacionais, superando a simples recopilação e recolha de contos e cantos do Brasil, como fizera Sílvio Romero e Melo Moraes Filho, Bilac e Bomfim demarcaram seu lugar no cenário intelectual e cultural da passagem do século XIX para o século XX e depois nas primeiras décadas desta, imprimindo uma escrita didática cuja narrativa marcou uma nova postura didática no país.

Talvez as considerações até então expostas ajudem a explicar a permanência do livro *Através do Brasil* no currículo das escolas brasileiras por mais de cinco décadas, reforçando a sua longevidade editorial no mercado dos livros escolares e atestam a qualidade e seus efeitos eficientes no ambiente escolar. Um livro que atravessou o tempo, sobreviveu à diversas intempéries da história do Brasil, superando inúmeras mudanças educacionais e políticas, mesmo as do Estado Novo e seu conhecido patulhamento ideológico, do qual as demais obras de Bomfim foram vítimas, sucumbindo sob os auspícios do regime militar.

Há inúmeros trabalhos sendo gestados e já publicados em torno da compreensão desse fenômeno editorial brasileiro. *Através do Brasil* segue sendo instigador de novas pesquisas. Esta obra influenciou muitas gerações de brasileiros, de intelectuais, contribuindo para firmar representações sobre o país que ainda anseia pela efetivação de um projeto de nação ou mesmo de uma nação, dado que seu projeto pareceu ser sempre um anteprojeto ou quem sabe um rascunho.

Cabe ainda salientar a importância do *Através do Brasil* enquanto documento, em que pese avaliar a sua contribuição para história do livro escolar no Brasil. Bilac e Bomfim problematizam e recriam a realidade brasileira, fazendo-a emergir em toda a sua tensão e dinamismo verifica-



dos através de mudanças evocadas e ocorridas na época. A representação do Brasil em o *Através do Brasil* quis ser uma declaração de amor ao país, infundindo na memória coletiva um sentido de compromisso na construção de uma nação moderna, progressista e harmoniosa?

É o que muitos pesquisadores e mesmo curiosos e autodidatas seguem se perguntando. Que tipo de Brasil é possível conceber da leitura e análise da obra de Bilac e Bomfim? Seu legado segue despertando a curiosidade de muitos porque aquela nação ainda não aconteceu. Seguem existindo seus problemas: desassistência da infância, ataque mordaz aos seus direitos; a persistência do analfabetismo; a queda na qualidade do ensino e da aprendizagem; políticas públicas que não dão conta de inserir as minorias no sistema educacional e quando o fazem não se leva em conta a necessidade de fazê-lo na perspectiva emancipadora.

No final de sua vida, Manoel Bomfim chegou a acreditar que se necessário era preciso recorrer a uma revolução. O projeto de nação que a República encampou, por meio de livros escolares, não chegou a termos. Bomfim inaugurou uma frente ainda em franca existência e combativa: daqueles que acreditam que somente pela educação é possível revolucionar costumes, superar e extinguir vícios, curar a nação.

Para fins de considerações finais, pode-se dizer que o livro *Através do Brasil* não foge por inteiro ao padrão dos livros voltados à exaltação da nação de sua época de produção e das subsequentes, como vimos. Um exemplo disso é a ideia de que a natureza foi o fundamento da nação. A propagação, por meio de uma obra didática, de um nacionalismo mais racional e reflexivo, capaz de encantar-se com as belezas naturais do país e com as grandezas do povo e ir além, levando o sujeito aprendiz a perceber a sua importância individual, enquanto cidadão, para a composição de uma nação talvez seja seu maior legado.

